



# PRIMEIRO MINISTRO

## **DISCURSO DE SUA EXCELÊNCIA O PRIMEIRO-MINISTRO KAY RALA XANANA GUSMÃO**

### **POR OCASIÃO DA CIMEIRA DO FUTURO**

**“SOLUÇÕES MULTILATERAIS PARA UM FUTURO MELHOR”**

Assembleia Geral das Nações Unidas, Nova Iorque  
22 de setembro de 2024



Palácio do Governo  
Avenida Marginal  
Dili, Timor-Leste

Excelências  
Senhoras e Senhores,

É com muita satisfação que participo nesta Cimeira do Futuro.

Timor-Leste celebrou, no mês passado, o 25.º aniversário da Consulta Popular, realizada sob os auspícios da Organização das Nações Unidas, onde o nosso povo votou corajosamente a favor da autodeterminação e da liberdade.

A independência de Timor-Leste foi uma conquista do povo timorense, mas também um triunfo do sistema internacional.

Evidenciou que, com compromisso, a cooperação internacional pode atingir os objetivos acordados e enfrentar os desafios e oportunidades do seu tempo.

E se hoje Timor-Leste é uma democracia estável, pacífica e em transição para o desenvolvimento, isto deve-se, não só ao constante apoio da Comunidade Internacional, mas aos esforços nacionais de reconciliação e de diálogo para a paz, para garantir um futuro pacífico.

Sabemos que sem paz não há condições para o desenvolvimento. É, por isso, que investir na educação dos nossos jovens, é o melhor investimento para o desenvolvimento sustentável e para a paz.

Excelências,

A paz é um conceito abstrato para muitas nações do mundo.

O Saara Ocidental espera pela realização do seu referendo desde 1992. Espera há 32 anos! O direito internacional ainda não chegou a esta última colónia de África, ignorada e esquecida.

A Comunidade Internacional ainda não encontrou soluções multilaterais para um futuro de paz para muitas nações do mundo - desde a Palestina à Ucrânia, do Líbano ao Sudão, da República Centro-Africana à República Democrática do Congo, do Afeganistão ao Myanmar, e do Haiti a tantos países frágeis e em conflito.

Todos sabemos que as Nações Unidas foram criadas após a Segunda Guerra Mundial para a preservação da paz mundial, dos direitos humanos e do desenvolvimento internacional.

No entanto, vivemos na desordem, incerteza, instabilidade e conflito. Enfrentamos desafios cada vez mais complexos, incluindo a crise climática, a desigualdade extrema e as crescentes tensões geopolíticas.

Os Países Menos Desenvolvidos (PMD) e os Pequenos Estados Insulares em Desenvolvimento (PEID) aguardam, pacientemente, por soluções mais flexíveis, mais inclusivas e mais responsivas.

Os meios e o financiamento para alcançar os ODS são escassos. São escassos para combater a pobreza extrema, a insegurança alimentar, as crises humanitárias e as alterações climáticas, perda de biodiversidade e degradação ambiental que ameaçam a existência de alguns Estados-ilhas, sobretudo no Pacífico.

Aqueles que menos contribuíram para as crises globais, são os que sofrem primeiro, que sofrem mais, e que sofrem, muitas vezes, isolados.

São vítimas de atores e políticas internacionais irresponsáveis que valorizam mais o lucro e o poder do que a dignidade humana.

À medida que as crises se intensificam, há cada vez mais pessoas a sofrer de fome. Os dados do Índice Global da Fome são alarmantes. Isto quando faltam apenas 6 anos para cumprir os ODS!

Que mundo é este em que vivemos, onde conseguimos alimentar guerras, mas não alimentamos crianças?

Temos assistido a milhares de mortos no Mediterrâneo que abandonam a sua terra para fugir aos conflitos e à pobreza. Esperamos que com este “Pacto para o Futuro”, a Comunidade Internacional, nomeadamente os líderes mundiais, possam olhar para este problema com maior sensibilidade do que apenas comentar as questões de imigração.

Excelências,

Defendo uma reforma estrutural no Conselho de Segurança, que se tornou obsoleto, ineficaz e pouco representativo da realidade.

Uma organização internacional só é credível se responder às necessidades atuais e não se fechar num mecanismo criado para fazer face a problemas de há quase 80 anos.

Defendo o alargamento dos membros permanentes do Conselho de Segurança, para uma maior representatividade e legitimidade — geográfica, cultural e económica.

É difícil concretizar princípios de transparência, responsabilidade e confiança, enquanto os países ricos e desenvolvidos continuarem a decidir pelos países pobres e em desenvolvimento. São uns poucos a decidir sobre nós, sem nós!

Defendo um maior investimento na diplomacia preventiva que identifique as causas dos problemas e reforce os processos nacionais, e um maior esforço diplomático para ouvir e compreender, em vez de impor soluções teóricas descontextualizadas.

Um cessar-fogo seguido de negociações, mesmo que por um longo período, é sempre melhor do que o fornecimento de armas para derrotar o inimigo - pois, no mínimo, haverá menos crianças e mulheres vítimas do conflito.

Defendo também a luta contra as estruturas económicas oportunistas e desiguais, bem como um maior apoio financeiro e a redução da dívida dos países em desenvolvimento. A comunidade internacional deve financiar os esforços de desenvolvimento global.

É urgente um pacto para o futuro — um pacto de reforma, que olhe para o futuro com base nos desafios globais do presente, e que renove a confiança de todos, em particular, da nova geração que o irá concretizar.

Afinal, vivemos todos num só planeta, somos todos cidadãos do mundo, somos interdependentes e partilharemos o futuro que escolhermos hoje.

Muito obrigado.

Kay Rala Xanana Gusmão